

1. “CONQUISTAS SOCIAIS” de quase uma década vão se perder em um triênio de recessão, 2014-16, se diz. Se foi tão pouco e tão breve, eram “conquistas” e “sociais”?

2. Este curto século 21 foi de reparações diminutas dos danos da nossa guerra social sempiterna: Bolsas diversas, cotas, subsídios para a educação superior ruim, subsídios para novas “Cohabs”. Etc.

3. O trabalho se manteve precário. Não se trata aqui dos bicos. Trata-se de um sistema social e econômico de produzir empregos de escasso sentido humano e produtivo. De precariedade sistêmica.

4. Dos 92 milhões de ocupados no país, 6 milhões são domésticos. Um em quinze. Ganham em média um terço do rendimento médio do restante dos trabalhos. Se estes já não são grande coisa, meça-se o tamanho do trabalho doméstico pelas reações selvagens à mera tentativa

de equiparação legal aos demais.

5. Há 1,42 milhão de domésticos no Estado de São Paulo, também em 15 trabalhadores. Ganham em média pouco mais de R\$ 900, menos que o piso de porteiros ou ascensoristas. Há uns 125 mil porteiros na cidade de São Paulo, dizem sindicatos; 30 mil ascensoristas; 30 mil zeladores. Há 15 mil cobradores de ônibus. No Estado, há cerca de 290 mil seguranças privados legalizados; cerca de 100 mil frentistas.

6. Algo deu muito errado para que se sujeitasse tamanha massa de pessoas a ganhar tão pouco por trabalhos tão pouco produtivos, pois. Que faltam educação e infraestrut

A reparação diminuta dos danos da nossa guerra social não tocou na precariedade sistêmica do país

tura é obvio. Por que faltam é a pergunta complicada.

7. O número de domésticos voltou a aumentar em 2014.

8. Nestes anos de reparações diminutas da guerra social e do ativismo reformista simbólico, identitário ou similar, a esquerda e suas lideranças pouco ou nada trataram de educação popular e, menos ainda, de SUS.

9. O governo da esquerda entrou

em colapso a partir de 2013. Junho de 2013 parece ter acelerado ainda mais a marcha forçada da inépcia e da falta de sentido da política econômica de comprar paliativos sociais e empregos incertos com aumento de dívida pública, que também financiava o outro lado do balcão, empresas grandes e oligopólios, com subsídios muito maiores, um resumo rápido da “Pax Luliana”, a grande conciliação.

Junho de 2013, o tombo do prestígio do governo e as necessidades eleitoreiras a seguir levaram o erro catastrófico ao paroxismo. Mas “erro” é explicação simplória para esta caminhada à beira do abismo.

10. O ódio contribuiu para o impasse dilacerado a que chegamos. A intensidade do ódio não é fácil de explicar: as rendas de todos subiam, não houve imposição de perdas econômicas decisivas a grupo nenhum. Sim, houve fricção de status, ameaça simbólica da ordem, para pincelar numa frase um assunto imenso. O ódio começou bem antes do ressentimento nas derrotas eleitorais e da exposição inédita de um sistema de fraude (corrupção imensa e estelionato eleitoral).

11. Por que foi assim (anos de analgésicos sociais, anabolizantes econômicos, corrupção essencial do sistema, pública e privada, reacionarismo parlamentar)? Que política produziu isso? Este impasse apático vai acabar apenas quando ou se a recessão produzir conflito generalizado?

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Ideias fúnebres no Brasil zumbi

VINICIUS TORRES FREIRE



Vidal Tarqui/Xinhua

RAIO-X JOSEPH STIGLITZ

ORIGEM

Nasceu nos Estados Unidos em 9 de fevereiro de 1943

FORMAÇÃO

Formado pela Faculdade Amherst (EUA) e PhD em Economia pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts)

CARREIRA

É professor da Universidade Columbia, em Nova York (EUA), e foi economista-chefe do Banco Mundial entre 1997 e 2000; recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 2001

GIULIANA VALLONE
DE SÃO PAULO

O ajuste fiscal no Brasil pode levar a um desempenho econômico mais fraco no futuro, afirma o Prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz. Para ele, a prioridade do governo deve ser reduzir a inflação — e, como consequência, os juros, que prejudicam os investimentos.

Autor do ensaio “Do 1%, pelo 1%, para o 1%”, que inspirou o movimento Occupy Wall Street, o economista ajudou a trazer a desigualdade para o centro do debate. E defende que cortar programas sociais no Brasil como parte do ajuste seria um erro.

Contrário a políticas de austeridade adotadas em todo o mundo, Stiglitz defende iniciativas como o Banco dos Brics para estimular investimentos e a economia global.

Stiglitz participa nesta quarta (4), em São Paulo, do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, evento do qual a **Folha** é parceira. Os pacotes de ingressos para as conferências estão esgotados.

★

Folha - O senhor é um crítico feroz da austeridade na zona do euro e, especialmente, na Grécia. Mas quando o Syriza [o partido de esquerda] tentou mudar as regras do jogo, o tiro parece ter saído pela culatra. O que poderia ter sido feito?

Joseph Stiglitz - O [primeiro-ministro grego] Alexis Tsipras fez uma avaliação política de que era se submeter às políticas de austeridade do que sair da zona do euro.

Como economista, eu acho eles deveriam ter saído do euro — e há vários colegas que concordam comigo. Era possível fazê-lo, não sem um grau de agitação, e isso teria tirado o país da recessão atual.

Se a Grécia tivesse rejeitado a austeridade e se concentrado

JOSEPH STIGLITZ

Ajuste fiscal pode reduzir PIB brasileiro no futuro

CRÍTICO DE MEDIDAS DE AUSTERIDADE, PRÊMIO NOBEL AFIRMA QUE PAÍS PRECISA REDUZIR INFLAÇÃO E JUROS PARA VOLTAR A CRESCER

em políticas para o crescimento o país estaria melhor agora?

Com certeza, mas eles não tiveram essa escolha. A Grécia, por si só, não podia fazer nada, e a Europa não ajudou o país a ter qualquer tipo de política para o crescimento. O resultado é a depressão econômica em que estão, basicamente, desde 2010.

A Europa está condenada pelos próximos anos?

Sim. Se as demandas da Alemanha por austeridade continuarem, a recessão também continuará. O que me surpreende é que o [ministro das Finanças alemão, Wolf-

gang] Schäuble veio a Columbia e disse que temos de nos acostumar com o baixo crescimento. Não há nenhuma razão para isso, exceto as políticas impostas por eles.

Há chances de mudança?

Nos Estados Unidos há uma paralisação no Congresso. E se o Partido Republicano mantiver o controle da Câmara dos Deputados após as eleições de 2016, vamos continuar paralisados.

A Europa vai continuar em austeridade, e a China vai desacelerar. Há quem acredite que 2016 pode ser melhor, mas não vejo fundamento para esse tipo de otimismo.

Iniciativas de financiamento de países emergentes, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura [AIIB] e o Banco dos Brics, pode melhorar o cenário global?

Eu estou bastante animado com essas iniciativas. Elas são uma forma de utilizar parte das reservas desses países para investir em infraestrutura na Ásia, na África e em outros emergentes, e acho que vão contribuir. Mas a escala é muito pequena para trazer de volta o crescimento global.

Os Estados Unidos não parecem tão animados...

Eu fiquei bastante desapontado quando os Estados Unidos tentaram se opor ao AIIB, foi um erro geopolítico. Os EUA têm tido muita dificuldade de aceitar que não serão mais o poder econômico dominante. Em vez de reagir de forma construtiva, o presidente Barack Obama e os políticos republicanos estão lidando com isso de maneira bastante improduti-va. O TTP [Tratado Transpacífico] é exemplo disso.

Por que o TTP?

Porque ele é um acordo comercial bastante ruim. E, para promovê-lo, o presidente defendeu que os EUA precisam escrever as regras da economia global, não a China. Isso está errado.

O sr. defende que os EUA se preocupam demais com o déficit do governo. Isso se aplica a outras economias?

É diferente para cada país e cada situação econômica. Nos EUA, é possível fazer empréstimos com juros reais negativos, e nós temos uma necessidade enorme de investimentos. Com a economia fraca, é um erro não investir.

No caso de outros países, acredito que se você pode pegar empréstimos e investir, deveria fazer isso.

O governo brasileiro prevê neste ano um déficit primário de R\$ 52 bilhões. Considerando que temos uma das mais altas taxas de juros do mundo e previsão de retração de 3% do PIB, o déficit é preocupante?

Há algo bastante peculiar sobre o Brasil: o fato de o país ter juros tão altos. Isso mostra que o setor financeiro não está funcionando como deveria.

Quando o governo tentou baixar os juros, que chegaram a 7,25% em 2012, a inflação voltou a ficar acima da meta.

Sim, tem algo especial sobre o processo inflacionário

“ Cortar programas sociais no meio de uma recessão é preocupante, porque os beneficiados são também as pessoas que serão mais afetadas. Uma das conquistas do Brasil, de que se fala em todo o mundo, é o sucesso na redução da pobreza

no Brasil e isso pode requerer uma cooperação maior entre trabalhadores e empresas, alguns acordos de congelamento de preços e salários, para quebrar o ciclo inflacionário. O Brasil está pagando um preço muito alto por isso, um ciclo bastante incomum entre os países emergentes.

O sr. acredita que o ajuste fiscal é a melhor solução para a crise brasileira?

Muito provavelmente não, porque o país já está passando por uma recessão e a austeridade vai piorar isso. E o que mais me preocupa é que uma recessão afeta não só o resultado hoje, mas tende a levar a um crescimento fraco no futuro, porque você não está investindo. Se o Brasil conseguisse baixar a inflação, seria possível ter uma taxa de juros menor e isso permitiria crescer mais rápido.

O governo considera cortar recursos gastos com programas sociais como parte do ajuste. É uma boa ideia?

Cortar programas sociais no meio de uma recessão é particularmente preocupante, porque os beneficiados são também as pessoas que serão mais afetadas.

Uma das conquistas do Brasil, de que se fala em todo o mundo, é o sucesso na redução da pobreza e da desigualdade nos últimos 20 anos. Se você corta programas sociais, está prejudicando isso.

O Federal Reserve [o banco central dos EUA] sinalizou que poder elevar os juros em dezembro. É a hora de fazê-lo?

Há um amplo consenso de que a economia americana não está tão forte. O melhor sintoma é a renda, que estagnou. E não há pressões inflacionárias. Além disso, pesa a situação da economia global.

Agora, acho que eles podem, sim, elevar os juros em dezembro. Se o fizerem, vão parar em seguida.

O senhor defende que a atuação do Fed contribui para o aumento da desigualdade nos EUA. Como isso acontece?

O Fed contribuiu para a desigualdade, historicamente, por concentrar sua atuação na inflação, e não no desemprego. Isso fez com que a autoridade monetária aumentasse os juros sempre que os salários comessem a subir. E quando você tem juros muito baixos, as empresas investem mais em tecnologias que, no médio prazo, resultam em retomada sem empregos.

F NA INTERNET
Leia a íntegra em
folha.com/no1701375

JOSEPH STIGLITZ
QUANDO Quarta (4), às 20h30
ONDE Assista a conferência em
www.frenteiras.com